

DOGME NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: MENOS MATERIAIS, MAIS CONVERSAÇÃO E FOCO NO ALUNO

Maria Eduarda Oliveira da Costa ¹

RESUMO

A partir da observação de professores em sala de aula e de reflexões sobre a realidade do ensino de língua inglesa, é possível perceber a dependência em livros didáticos e em recursos tecnológicos. O professor ainda é frequentemente colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem e muitas vezes a ênfase é maior na gramática em detrimento do uso real da linguagem. O Dogme ELT é um movimento de ensino criado pelos pesquisadores Meddings e Thornbury para desafiar a dependência exagerada em materiais e recursos tecnológicos nas salas de aula de língua inglesa. Esses autores se basearam nas ideias de Paulo Freire e sua ênfase é no aqui-e-agora, colocando os alunos no centro e trazendo conteúdos relevantes para cada realidade. Esta pesquisa bibliográfica tem como objetivos apresentar os princípios da filosofia de ensino Dogme propostos por Meddings e Thornbury e debater a possibilidade da utilização dessa abordagem em diferentes contextos de ensino. Foram apresentados e discutidos os três princípios nos quais o Dogme está ancorado: conversação (*conversation-driven*), menos materiais (*materials light*) e foco no aluno (*student-centered*). Também trazemos um relato de experiência da utilização dessa abordagem com estudantes de nível intermediário de língua inglesa. A experiência foi realizada na Inglaterra com oito estudantes de diversas nacionalidades e foi utilizada uma sequência didática proposta pelos criadores do Dogme. Através de um questionário respondido pelos estudantes após a aula, as impressões foram positivas e, apesar da preferência pela utilização de um livro didático, eles sentiram que aprenderam “algo novo” e gostaram de compartilhar interesses e experiências. Como conclusão, compreendemos a necessidade de se divulgar e debater essa abordagem como uma alternativa possível à utilização exacerbada de recursos tecnológicos e dependência em livros didáticos de modo que haja um equilíbrio nas metodologias utilizadas em salas de aula de língua inglesa.

Palavras-chave: Dogme, Língua Inglesa, Conversação, Ensino de Língua Inglesa.

INTRODUÇÃO

“Não há nada de muito original no Dogme” (Thornbury, 2005, p. 333), esta frase foi escrita pelo próprio pesquisador que criou esta filosofia de ensino. De fato, os autores se inspiraram no movimento “Dogma 95” criado por cineastas dinamarqueses como Lars Von Trier que desafiavam a dependência exagerada dos filmes em efeitos especiais, recursos tecnológicos e fantasias (Thornbury, 2006, p. 70). Sua ênfase era no aqui-e-agora e a preocupação maior dos cineastas estava em contar a história e em sua relevância para o público.

¹ Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - PE, maria.eduarda@unicap.br;

Assim, Thornbury e Meddings criaram um movimento de ensino para igualmente desafiar a dependência exagerada em recursos tecnológicos e materiais didáticos no ensino de língua inglesa como língua estrangeira. Da mesma forma que os cineastas do Dogma 95, a ênfase dos professores deveria ser no aqui-e-agora e o foco nos estudantes e nos conteúdos relevantes para eles em seus contextos de aprendizagem.

Thornbury define o Dogme como “um coletivo livre de professores que desafiam o que consideram uma ultra dependência em materiais, incluindo livros didáticos, no ensino atual de línguas” (2006, p. 70).

Seus principais questionamentos se davam a respeito da quantidade de livros didáticos no mercado com tópicos muitas vezes inadequados para determinados contextos de ensino, além da percepção sobre uma falta de comunicação, pois, segundo os autores, o ensino de línguas estava obcecado pela gramática, esquecendo do uso real da linguagem. A quantidade de recursos tecnológicos também foi questionada, por sua utilização exagerada e muitas vezes desconectada da realidade dos estudantes.

Essa reflexão sobre o ensino e a necessidade de humanizá-lo para torná-lo mais significativo para os alunos vem da proposta da educação humanística de Paulo Freire (2011) e, na época, representava uma nova forma de ser professor. Além disso, o Communicative Approach (Método Comunicativo) já vinha, desde os anos 1980, espalhando a ideia de um ensino de línguas voltado para a comunicação entre os estudantes.

O interesse no Dogme ELT surgiu após assistir a uma palestra de Luke Meddings num congresso no Brasil em 2013. Na ocasião, o autor defendeu a ideia de se avançar na proposta de Freire (2011) em direção a um ensino mais humanístico e, no caso específico, no ensino de língua inglesa. Segundo sua famosa pedagogia, era preciso estabelecer uma nova relação entre estudantes, professores e a sociedade, ou seja, a sala de aula seria um lugar para se buscar conhecimento em vez de transmiti-lo. Isso se reflete na visão de Meddings e Thornbury (2003) de que o aprendizado de línguas deve ser feito de forma profundamente humana.

De fato, quando refletimos sobre nosso aprendizado de língua estrangeiras, talvez as aulas e assuntos mais memoráveis tenham sido aqueles em que o professor foi capaz de personalizar as atividades, falar de assuntos do interesse dos alunos, ou quando mostrou que realmente se importava com a turma.

Esta filosofia de ensino de língua inglesa apresenta três princípios que deveriam nortear as escolhas didático-metodológicas dos professores: conversação (*conversation-driven*), menos materiais (*materials-light*) e foco no aluno (*student-centered*).

O Dogme também relembra aos professores de língua inglesa sobre importância de lidar com a linguagem emergente (*emerging language*). Para Meddings e Thornbury (2009, p. 8), “mais do que ser adquirida, a linguagem (incluindo a gramática) emerge”² como um processo orgânico e dadas as condições adequadas. Isso significa, em termos práticos, que o professor precisa ficar atento ao que os estudantes produzem e estar ativamente envolvido fazendo anotações e chamando a atenção para a linguagem que surge nos diálogos e atividades.

Finalmente, os livros didáticos e recursos tecnológicos são ferramentas de ensino importantes para os professores de língua inglesa, mas há uma preocupação crescente de que talvez estejamos nos tornando muito dependentes deles, deixando um pouco de lado as necessidades e interesses dos nossos estudantes. O pesquisador Steve Roberts (2005, p. 69) também chama atenção para o fato de que há uma onda de eurocentrismo nos livros didáticos para o ensino de língua inglesa, o que ameaça tornar estudantes e professores meros consumidores dessa cultura sem reflexões nem críticas. Para ele, atingir os recursos dos conhecimentos prévios dos estudantes, seus sentimentos e atitudes, como também sua própria cultura, não é algo encontrado nos livros didáticos atualmente. Logo, a crítica dos criadores do Dogme a esses materiais seria apropriada e necessária.

Dessa forma, o aspecto “*materials-light*” do Dogme talvez seja interessante para diminuir o tempo de preparação de aulas, adicionar variedade aos cursos e currículos e, ao mesmo tempo, trazer as necessidades dos alunos em seus contextos de aprendizagem da língua inglesa. Roberts (2005, p. 71), então, em sua defesa do Dogme, convida os professores a investigar os seus contextos de ensino, as necessidades e gostos dos alunos, e até mesmo esse processo de investigação podem se tornar geradores de atividades para a sala de aula de língua inglesa.

Tendo em mente as reflexões levantadas pelo primeiro contato com o Dogme, esta pesquisa bibliográfica teve como objetivos apresentar os princípios da filosofia de ensino Dogme propostos por seus criadores Luke Meddings e Scott Thornbury e debater a possibilidade da utilização dessa abordagem em diversos contextos de ensino.

² “(...) rather than being acquired, language (including grammar) emerges”. [tradução nossa]

Também será apresentado um relato de experiência da autora da presente pesquisa com estudantes de nível intermediário de língua inglesa. A experiência foi realizada com oito estudantes adultos de diversas nacionalidades residentes em Londres, na Inglaterra. Numa das aulas de um curso de inglês como língua estrangeira foram utilizadas duas sequências didáticas propostas pelos criadores do Dogme em seu livro (Meddings; Thornbury, 2009) e, ao final da aula, os estudantes responderam a um questionário expressando suas impressões sobre a metodologia utilizada.

As sequências didáticas adotadas (How I got my name? e Pocket Pecha Kucha) foram escolhidas por trazerem oportunidades de compartilhamento de histórias pessoais e do contexto cultural dos estudantes. As respostas dos questionários mostraram que esse aspecto foi valorizado pela turma, pois, antes da aula, eles só tinham a oportunidade de conversar dessa forma nos intervalos. Para eles, as atividades possibilitaram mostrar um pouco sobre eles e, apesar de acharem importante a utilização de livros didáticos, conseguiram perceber o aprendizado de vocabulário e construções gramaticais ocorrendo durante o trabalho com a linguagem emergente proposta pelo Dogme.

Como será demonstrado nos relatos a seguir, essa filosofia de ensino vem para agregar novas reflexões ao modelo de ensino de língua inglesa atual em diversos contextos. É um convite aos professores a refletir sobre a própria prática retomando as ideias de Freire (2011) e, através desse olhar crítico, tentar buscar maneiras criativas para colocar os estudantes e suas experiências no centro do processo de ensino-aprendizagem, considerando suas necessidades e contextos e não apenas no ensino do conteúdo determinado pelas instituições.

METODOLOGIA

Este é um estudo teórico, pois seu objetivo é apresentar os princípios da filosofia de ensino de língua inglesa Dogme e debater a possibilidade da sua utilização em diversos contextos de ensino. O tipo de estudo é exploratório para se “manejar com maior segurança uma teoria” e, portanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com as perguntas direcionadas aos autores e encontradas as respostas nas fontes bibliográficas conforme as orientações de Triviños (2015).

Além disso, a pesquisa apresenta um relato de experiência da autora ao aplicar duas atividades propostas por Meddings e Thornbury (2009) com oito estudantes de língua inglesa de diversas nacionalidades na ocasião de um curso de English Language

Teaching (ELT) onde era solicitado dos professores participantes aplicar metodologias inovadoras em suas turmas. Ao final das sessões, foi entregue aos estudantes um questionário para reflexão e seus resultados também serão apresentados e discutidos neste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por definição, o Dogme ELT (English Language Teaching) é uma abordagem ou filosofia de ensino que enfatiza uma dependência mínima em livros e materiais didáticos e, em vez disso, foca em diálogos autênticos e linguagem emergente, ou seja, na linguagem que emerge naturalmente na comunicação real (Meddings; Thornbury, 2009, p. 7). Foi inspirada pelo movimento Dogma 95, que promovia o minimalismo no cinema, evitando o uso de efeitos especiais e equipamentos caros. Assim, o Dogme ELT, também inspirado nas ideias de Paulo Freire (2011), encoraja professores a criar aulas baseadas nas necessidades e interesses dos seus estudantes. Os três princípios desta filosofia são: conversação, menos materiais e foco na linguagem emergente.

O Dogme ELT acredita que a conversação é o motor principal para o aprendizado de uma língua (Wright; Rebuffet-Broadus, 2013, p.118). Em vez de seguir diálogos prontos e roteirizados, o método encoraja a prática de conversas reais e significativas entre os alunos, o que permite que eles se envolvam de maneira mais autêntica com o idioma. A interação verdadeira ajuda a desenvolver uma compreensão mais intuitiva do uso da língua, promovendo habilidades de comunicação que vão além do conteúdo de livros didáticos. Com o foco na conversação, o ensino se torna mais dinâmico e centrado nas experiências e interesses dos alunos, favorecendo a aquisição natural da língua.

Outro princípio fundamental do Dogme ELT é o uso mínimo ou até mesmo a eliminação de materiais tradicionais, como livros didáticos e outros recursos padronizados. A proposta é que o ensino seja construído com base nos recursos que emergem no momento, como histórias pessoais, opiniões e experiências compartilhadas pelos próprios alunos. Isso permite que o conteúdo seja adaptado ao contexto e aos interesses imediatos dos participantes, mantendo as aulas mais flexíveis e interativas (Wright; Rebuffet-Broadus, 2013, p.120). Dessa forma, o material de aula não vem de fora, mas surge de dentro da sala, das interações e necessidades específicas dos alunos.

O terceiro pilar do Dogme ELT é o foco na linguagem que emerge espontaneamente nas conversas e interações dos alunos. Em vez de seguir um currículo rígido, o professor

observa o que os alunos falam e usa isso como ponto de partida para introduzir correções, dar feedback e enriquecer o vocabulário e a gramática. Esse processo permite que os alunos aprendam de acordo com suas necessidades e dificuldades reais, o que torna o aprendizado mais relevante e eficaz. A linguagem emergente cria uma experiência de ensino mais personalizada e menos centrada em conteúdos predeterminados, favorecendo um aprendizado que é moldado pela participação ativa dos alunos (Wright; Rebuffet-Broadus, 2013, p.121).

Após o estudo e compreensão da filosofia de ensino de línguas Dogme, a autora teve a oportunidade de aplicar duas sequências didáticas durante um curso de metodologia realizado no ano de 2015 em Londres, na Inglaterra. Os oito estudantes do curso de inglês geral possuíam nível intermediário de conhecimentos da língua inglesa e eram de diversas nacionalidades (da Espanha, de Israel, da Itália, do Chile, da China e do Brasil). O curso em questão não adotava materiais didáticos específicos e os professores tinham liberdade para escolher a abordagem. Os conteúdos eram determinados pelos resultados dos questionários de “needs analysis” (análise das necessidades) realizados no início do curso e discutidos e reajustados junto com a turma durante o curso. Assim, os estudantes foram informados de que teriam duas aulas seguindo uma metodologia experimental e que, após as aulas, responderiam a um questionário a respeito das aulas.

As sequências didáticas escolhidas foram: “How I got my name?” (Como eu recebi meu nome?) e “Pocket Pecha Kucha” (em tradução livre: conversas de bolso), ambas propostas por Meddings e Thornbury (2009, p. 26 e 53 respectivamente). Essas sequências foram escolhidas por apresentarem um potencial alto para desenvolvimento de conversas autênticas e linguagem emergente.

Na primeira sequência didática, How I got my name?, os estudantes são convidados a conversar uns com os outros sobre a história de seus nomes. O professor escreve no quadro os nomes de cada pessoa na sala de aula e estimula o diálogo através de três perguntas: Does your name have a meaning? (seu nome possui um significado?); Does anyone else in your family have that name? (alguém na sua família tem esse mesmo nome?); Is it a popular name in your country/region? (é um nome popular no seu país/região?). As perguntas podem ser adaptadas, mas a ideia é que os estudantes conversem livremente enquanto o professor circula pela sala de aula, anotando a linguagem emergente. Por fim, com todo o grupo, o professor pede que alguns voluntários (ou todos os estudantes) compartilhem alguma história interessante sobre o nome de

algum colega. O trabalho com a linguagem é feito de acordo com o que o professor anotou durante a escuta.

No caso da aula aplicada com os estudantes estrangeiros, algumas frases relacionadas a nomes foram produzidas corretamente em termos gramaticais (I'm named after my mother / It's a common name in Italy / My name comes from... / It means...), mas outras precisaram ser corrigidas. Também trabalhamos vocabulário relacionado a nomes: first name, last name, middle name, maiden name, nickname, pet name, social name etc.

Na segunda sequência, Pocket Pecha Kucha, cada pessoa apresenta uma foto ou um objeto que tem consigo e que conta algo sobre si e o restante da turma é convidado a fazer perguntas. Como a turma era pequena, cada um teve direito a mostrar e falar sobre dois objetos ou fotos, mas foi determinado um limite de tempo de, no máximo, 5 minutos para cada pessoa, com possibilidade de interrupção para perguntas que surgissem de acordo com a curiosidade dos colegas. Nesta atividade, mais do que a linguagem produzida e depois corrigida no quadro, ficou evidente o aspecto humanístico do Dogme. Isso porque, um dos estudantes, um italiano de mais ou menos 50 anos e bastante fechado e difícil de conversar, conseguiu mostrar um lado diferente aos colegas quando falou sobre sua moto e sua família. Isso aproximou a turma que, ao final do curso, terminou se reunindo para um encontro num pub inglês e estabelecendo laços de amizade.

As perguntas do questionário foram as seguintes (feitas em língua inglesa, traduzidas pela autora para o presente artigo):

1. Essa aula reflete uma conversa real que eu teria. Você concorda? Por que?
2. Eu aprendi algo novo nesta aula. Você concorda? Por que?
3. Eu prefiro quando a professora segue um livro didático. Você concorda? Por que?
4. Eu gosto quando a professora pergunta sobre meus interesses, experiências e compartilha informações pessoais em sala. Você concorda? Por que?

A maioria dos estudantes concordaram com todas as afirmativas do questionário, ou seja, apesar de gostarem quando o curso adota um livro didático, pois isso traria um senso de progresso, a turma entende as correções feitas no quadro da linguagem emergente como um momento de aprendizagem de “algo novo”. Além disso, as atividades voltadas para temas personalizados pareceu aproximar a turma num nível mais pessoal e isso gerou um ambiente mais descontraído, facilitando a conversa entre pessoas de diferentes nacionalidades, idades e histórias de vida.

Em relação à experiência de dar uma aula seguindo a filosofia Dogme como professora, ficou evidente que o trabalho maior acontece durante a aula. Para lidar com a linguagem emergente, é necessário que o professor esteja sempre atento aos diálogos, circulando pela sala de aula durante a atividade com um caderno de anotações. É preciso, também, estimular os estudantes a continuarem a conversar através de perguntas ou de novos estímulos.

Meddings e Thornbury (2009, p. 21) alertam que os princípios do Dogme não devem de forma alguma “engessar” as práticas, pelo contrário, devem se adaptar às necessidades de cada contexto. Para eles, cada um dos três princípios implicaria “uma nova forma de ensinar” como também “uma nova forma de ser professor”. Isso ficou claro durante a aplicação das atividades, pois foi necessário sair da zona de conforto da prática à qual estava acostumada e a relembrar os três princípios durante toda a sequência didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Dogme convida professores e professoras de língua inglesa a refletir sobre a própria prática através dos seus três princípios: conversação, foco no aluno e menos materiais. Ao propor colocar os estudantes no centro do processo de ensino-aprendizagem, a escolha dos materiais e adaptação dos livros didáticos ocorre de forma a atender as necessidades do contexto de ensino e a promover oportunidades para conversas em sala de aula.

A experiência relatada com os estudantes estrangeiros, mostrou o aspecto humanístico do Dogme e algumas possibilidades para modificações nas atividades tradicionais de sequências didáticas e conteudísticas propostas pelos livros didáticos e cursos tradicionais. Além de indicar que os estudantes entendem o trabalho com a linguagem emergente como oportunidade para aprendizagem e evolução no percurso da língua inglesa.

Os três princípios que norteiam a filosofia de ensino Dogme (conversação, menos materiais e foco no estudante e sua linguagem emergente) não parecem “engessar” a prática, mas servem como norte para que os professores considerem esses aspectos durante o planejamento e execução das aulas. Assim, mesmo que seja preciso seguir um livro didático adotado pela escola ou curso, ainda é possível ter “momentos Dogme”, ou seja, uma parte da aula para focar em alguma conversa interessante que surgiu, uma troca

de texto desinteressante do livro didático por outro mais relevante para a turma, e a atenção constante à linguagem emergente, pois é essa linguagem produzida pelos estudantes que vai dar aos professores indícios de onde estão suas necessidades linguísticas.

Porque o Dogme foca na conversação, isso implica uma dinâmica de sala de aula que promova oportunidades para interação, além de tentar aproveitar as conversas que ocorrem de forma acidental e estimular a conversa através de perguntas e outros estímulos.

Porque o Dogme foca em menos materiais, isso significa que as aulas de língua inglesa podem focar nas necessidades e interesses dos estudantes. Os materiais pré-determinados pelas escolas e cursos podem ser adaptados para melhor atender a essas necessidades. Por fim, esses livros didáticos também devem ser questionados e desafiados pelos professores e alunos, justamente por serem frequentemente eurocêntricos e pouco considerarem a diversidade cultural do seu público-alvo.

Porque o Dogme foca nas pessoas da sala e na linguagem emergente, isso significa que o professor deve planejar atividades que tragam mais oportunidades para produção linguística e estabelecimento de diálogos. Além disso, os erros devem ser tomados como oportunidades de aprendizagem e análise linguística. Assim, o caderno de anotações e o ouvido atento devem ser os maiores aliados dos professores que desejam seguir a filosofia Dogme com seus estudantes de língua inglesa. Em termos de linguagem emergente, a filosofia enfatiza: gravar, revisar e reciclar as instâncias linguísticas produzidas pelos estudantes.

Por fim, cabe a cada professor, entendendo o próprio contexto e seus estudantes, aplicar os princípios da filosofia Dogme que achar pertinente. Longe de ser uma filosofia tradicional, o Dogme vem para desafiar as metodologias já estabelecidas e estimular uma nova forma de se ensinar a língua inglesa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MEDDINGS, Luke; THORNBURY, Scott. The Roaring in the Chimney (Or: What coursebooks are good for). *Modern English Teacher*, vol. 10, n. 3, Julho, 2001.

MEDDINGS, Luke; THORNBURY, Scott. Dogme still able to divide ELT 2003. The Guardian, Londres, Abril, 2003. Disponível em: <http://www.theguardian.com/education/2003/apr/17/tefl.lukemeddings>.

MEDDINGS, Luke; THORNBURY, Scott. **Teaching Unplugged: Dogme in English Language Teaching**. Grécia: Delta Publishing, 2009.

ROBERTS, Steve. In Defence of Dogme. Modern English Teacher, vol. 14, n. 2, p. 69-72, 2005.

THORNBURY, Scott. **An A-Z of ELT: A Dictionary of Terms and Concepts**. Londres: Macmillan, 2006.

THORNBURY, Scott. Dogme. ELT Journal, vol. 59, n. 4, p. 333-335, out., 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2015.

WRIGHT, Jennie; REBUFFET-BROADUS, Christina. **Experimental Practice in ELT: Walk on the Wild Side**. Londres: The Round, 2013.

.